

**Milton Hatoum – *Órfãos do Eldorado***

*São Paulo: Companhia das Letras, 2008*

Maria Isabel Edom Pires

Mais uma história do Norte, agora criada em torno do mito do Eldorado ou da lenda da Cidade Encantada, conteúdos que circulam entre diversos povos – este é o eixo da mais recente obra de Milton Hatoum.

Persiste o tema da decadência, exposta e desdobrada nos outros três romances do autor, associada à vida familiar. No caso de *Órfãos do Eldorado*, o narrador-protagonista revê suas sucessivas perdas, as quais acompanham os sucessos e fracassos de uma cidade e, por extensão, de uma região.

Herdeiro solitário e sem descendentes, Arminto Cordovil conta a sua história a partir da tapera em que vive, contemplando o rio Amazonas durante as tardes vazias de ação, plenas de recordações. É por intermédio da visão das águas que o narrador revê, sob diversos aspectos, seu envelhecimento, sua ruína, seu afastamento do mundo. Sai de cena o herdeiro cínico de Machado, cujo saldo, do outro lado da vida, foi o de não transmitir a “nenhuma criatura o legado da nossa miséria”; entra em cena o herdeiro falido que, apesar das negativas de que Brás Cubas foi portador, revolta-se contra o pai e contra tudo o que esta existência representou para a região. Não quer reconstruir uma casa, não quer inventar um novo emplastro, não quer ser deputado. Deixou-se levar na vida, acompanhando o movimento das águas, em profundo desentendimento com o pai, sempre em perspectiva com a fotografia da mãe, que não conheceu. A esta, devota sua admiração ao olhar sua escultura, ao preservar sua fotografia.

O *topos* das águas, recorrência literária universal para a passagem do tempo, circunda a narrativa, seja pela indicação da Fazenda Boa Vista, localizada na margem do rio Uiacurapá, seja no lago Macuricanã, onde Arminto pescava na juventude, seja nas inúmeras referências a praias, outros rios, a cargueiros, portos ou a trabalhadores a eles relacionados. A água da chuva, verdadeiro dilúvio, acompanha uma tarde de amor do narrador com a personagem Dinaura, aquela que submerge conforme a lenda em busca da uma cidade encantada. O Eldorado, cargueiro alemão, adquirido por Amando Cordovil, pai de Arminto, torna-se referência central, pois se relaciona tanto a um tempo esplendoroso, de investimento na navegação da Amazônia, como ao naufrágio que sofreu, indicando um movimento para o fundo das águas de toda a ambição familiar e de qualquer possibilidade de recuperação. O Eldorado, lugar imaginário, “reino situado em algum lugar entre o Amazonas e o Peru”<sup>1</sup> serve de pretexto para reverberar a lenda da Cidade Encantada bem como para fazer emergir o tempo social no qual o tempo mítico submerge. Entre esses dois tempos, o mendigo da praça sobrevive, enviando recados, predizendo um futuro amargo para o narrador.

É então nesse tempo social que a empregada Florita age, preocupada com o destino do protagonista, ela mesma sem ter para onde ir quando da

<sup>1</sup> Manguel, Alberto e Guadalupi, Gianni. *Dicionário de lugares imaginários*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 139.

falência dos negócios da família. Também compartilham desse tempo e desse espaço o advogado Estiliano, que cuida dos negócios, mas que pouco pode intervir nas ações do herdeiro bem como revelar acerca dos mistérios de Amando; Estrela, possível amante de Amando, mãe de Azário, semelhante fisicamente ao pai de Arminto; e Joaquim Rosso, Ulisses Tupi e Denísio Cão, a quem Arminto pede que procurem por Dinaura, pois, como Florita, entendiam a “língua geral”. Estiliano guarda a propriedade que ganhou por herança do amigo; os outros, mestiços e caboclos, sobrevivem depauperados neste ambiente a partir das oscilações econômicas da região, entre as duas Grandes Guerras.

Dinaura, a paixão de Amando, cuja origem intricada leva o herdeiro à suposição do incesto, cercado de mistérios, é mais uma das filhas pobres da Amazônia. Podem ser eles, Amando e Dinaura, os órfãos do Eldorado, como também é possível estender o infortúnio às indiazinhas defloradas, muitas delas entregues ao Colégio das Carmelitas, algumas, como Dinaura, sob a supervisão de um benfeitor. O tráfico de meninas índias aparece na sua crueza, indicando a genealogia complexa de que somos formados. A indicação serve não apenas para o Norte, mas para todo o país, cujas origens se entrecruzaram. Resta, entretanto, nas propriedades nortenses, como nas casas-grandes e nas estâncias em geral, a demarcação social, sustentada pela hipocrisia masculina.

Narrativa de memórias, incompleta por natureza, a história de Arminto cartografa a região, explorando sua economia e política. Também é a história de um amor proibido, como é a história das índias, como é a história da literatura. Sobrevive um discurso amoroso que, tal como dizia Barthes, foi sonogado, porque ridículo; sobrevive uma história de família, cujo pai, sonegador e contrabandista, pertence ao grupo que dirige a economia local, numa intricada relação com a política, bem ao modo atual, e cujo avô comandou um massacre contra índios e caboclos; sobrevive a história dos índios, contada pelo herdeiro desolado que sempre quis aprender a língua geral; sobrevivem nossos personagens e autores tão caros, como Mário de Andrade, o turista aprendiz, e a galeria de Machado, cada vez mais enraizada na obra de Milton. Emerge novamente o excelente escritor que entre cidades submersas e cidades degradadas, entre águas e raízes nos devolve a nossa própria história.